

O intelectual
quando
correspondente
de *O Jornal do
Rio de Janeiro*.
Berlim, 1930



**JOSÉ SEBASTIÃO
WITTER** é diretor do
Museu Paulista – USP.

Sérgio Buarque

de Holanda -

algumas

lembranças

Rua Buri, 35 – Pacaembu. Um começo de tarde no final de ano de 1968. Sérgio Buarque de Holanda recebia cada um de seus assistentes e pedia que nos acomodássemos na sala-de-estar onde sempre nos encontrávamos para reuniões acadêmicas, pequenas festas ou grandes encontros com figuras de destaque do nosso mundo intelectual, político ou artístico. Essa sala era, também, um local de orientação de teses e discussão de futuras publicações. Fôramos chamados pela pessoa muito querida que era e ainda é dona Maria Amélia. Esposa e companheira de Sérgio por toda vida, foi, também, um pouco nossa mãe. Sempre carinhosa e afável, ela não deixava de acolher sempre muito bem cada um ou todos nós para mais um bate-papo com o grande e incomparável Mestre. O casal sabia bem receber naquela mansão simples, acolhedora e baseada no calor humano. E, nela, convivíamos com os filhos do casal. São sete. Alguns famosíssimos, como o Chico Buarque da Mangueira. Outros não tanto mas com presença marcante no mundo artístico, caso de Miúcha, Cristina e Ana. Os outros em campos bem diferenciados: Maria do Carmo, a psicóloga-fotógrafa; Sérgio Buarque de Holanda Filho, historiador da Economia; e Álvaro, o advogado. Todos bem realizados em seu mundo particular... Todos muito unidos apesar de viverem em lugares diferentes nos dias de hoje. Quando pudemos todos nós conviver com eles eram garotos e garotas brincando pela casa, e depois adolescentes, buscando seus mundos...

Mas vamos nos fixar nesse ano de 1968, em que nos reunimos a convite do nosso catedrático. Ele nos chamara para uma conversa antes da reunião do Departamento de História, que deveria acontecer por volta das duas horas da tarde e da qual todos participávamos. Não podíamos imaginar o motivo da convocação... Vivíamos um dos mais difíceis anos de nossas vidas e até poderíamos pensar que essa discussão prévia do catedrático com seus assistentes passasse pelos acontecimentos políticos, precipitados pela edição do AI-5, de tão triste memória. Não podíamos pensar, no entanto, que o dr.

Sérgio fosse pedir aos seus assistentes licença para se aposentar. Ele queria comunicar, em primeiro lugar, aos seus subordinados o seu desejo de fazer um protesto, através de sua aposentadoria, a ser solicitada durante a reunião do Departamento, firmando a sua posição de intransigente defesa da Universidade e de convicta solidariedade aos professores cassados pelo regime militar. O dr. Sérgio, mais uma vez, dava demonstração de sua grandeza. Afirmava que não se aposentaria se a sua decisão pudesse afetar um ou alguns de nós. Ficamos solidários com nosso “chefe” e ele, decidido, comunicou solenemente ao Departamento de História que deixava a sua condição de catedrático a partir de então e exigia que constasse em ata que sua resolução era um ato de vontade política e com ela denunciava a intervenção na USP. Foi um momento marcante... Ficou indelével em minha memória... Não só relembro o rosto do Mestre como as fisionomias de todos aqueles que faziam parte daquela histórica reunião. Ali, no Departamento de História, naquele fim do ano que não terminou, encerrava-se a carreira do professor e também acabava uma etapa do próprio ensino da História do Brasil. Novos rumos tomava a cadeira... Melhor ou pior? Diferente e em outras condições. Saía de cena, na Universidade, o homem que trouxera brilho ímpar aos estudos de nossa vida acadêmica. Faço a conexão, através do tempo, com o início de carreira de Sérgio na Faculdade de Filosofia.

Vi o professor Sérgio pela primeira vez em sua defesa de tese de cátedra. Era o ponto alto da carreira. A cátedra foi abolida e a carreira universitária, na USP, passou por profundas alterações. A tese de cátedra de Sérgio foi defendida em 1957 e eu nem tinha conseguido entrar para a Universidade. Somente em 1958 eu conseguiria ser aprovado no vestibular para o Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, e passar a frequentar a mais famosa das ruas de São Paulo – a Maria Antonia... Isso, naturalmente, para nós, os da geração ou gerações Maria Antonia...

A partir de março de 1958 eu e mais 25 colegas começamos a conviver com o

mundo universitário e com a realidade uspiana. Eram outros tempos... A vida educacional, neste país, tinha propostas e regras bem estabelecidas. Sabíamos todos que terminar um curso universitário era uma etapa importante da vida mas não garantia entrada na vida universitária como professor. Terminado o curso superior só tínhamos certeza de que poderíamos prestar um concurso para ingressar no ensino secundário ou médio e que era um concurso difícil... Bolsas de estudo? Nem pensar...

Viver a vida da USP era conviver quase que diariamente com os grandes nomes de então: Fernando Azevedo, Livio Teixeira, Isaac Nicolao Sallum, Eurípedes Simões de Paula, Florestan Fernandes, Anita Cabral, Antônio Soares Amora, Simão Mathias, Arrigo Angelini, Romeu de Moraes Almeida, Odilon Nogueira de Matos, Eduardo d'Oliveira França, Clodowaldo Pavan, enfim... Aqui estão alguns dos nomes entre tantos outros que viviam e conviviam conosco nos corredores do prédio da Maria Antonia. Aquele prédio, que hoje é um Centro Cultural, era, de fato, um ponto de encontro. Quem de nós pode esquecer de dona Floripes, atrás do seu famoso balcão, que acabava sendo o correio, através de quem até encontros eram marcados, com amigos e professores. Esse edifício e seus recantos têm tudo a ver com a minha vida e as lembranças de Sérgio Buarque de Holanda. Foi ali, no terceiro andar, onde funcionava a direção da escola e havia o anfiteatro ou salão nobre, que vi o grande mestre pela primeira vez. Foi brilhante a sua defesa de tese... Depois, um belo livro com muitas edições: *Visão do Paraíso*.

O tempo passou e ele, Sérgio Buarque de Holanda, foi marcando a minha vida como aluno que pretendia continuar e fazer carreira. Suas aulas eram, em todas as semanas, verdadeiras conferências e muitas delas difíceis de entender. Isso acontecia principalmente com o meu grupo de estudos (era todo ele oriundo de Mogi das Cruzes e sem a mesma formação de tantos outros colegas, formados nas melhores escolas paulistanas). Tínhamos que nos des-

dobrar e passar muitos fins-de-semana sem lazer e sem descanso para superarmos as nossas deficiências. Sérgio, em especial, era um erudito e trabalhava a partir de dados dos quais julgava sermos todos nós possuidores. Isso nos fazia admirá-lo e ao mesmo tempo detestá-lo. Somente mais tarde, muito mais tarde, iríamos entender a importância de suas exigências. Talvez poucos se lembrem de que na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras havia cursos de pós-graduação que davam certificados de conclusão, qualificando os que o faziam com um título universitário. Sérgio Buarque de Holanda foi o único que, antes das regulamentações oficiais exigirem, somente assinava esse diploma depois de os estudantes escreverem uma monografia de Mestrado. O Mestrado e o Doutorado somente seriam regulamentados muito depois e burocratizados a partir de 1972. Outro pormenor de que muito poucos deverão se lembrar, mas seus assistentes jamais esquecerão, é que ele exigia que todos fizessem a monografia de mestrado antes de se candidatarem ao doutoramento. Mais de uma vez ouvi o dr. Sérgio dizer que o mestrado era uma etapa importante da formação acadêmica de cada um dos que pretendiam fazer carreira na USP. Sérgio via nele a iniciação na difícil tarefa de escrever. Escolhido o tema e a pesquisa feita era o momento do amadurecimento, através da narrativa bem-feita daquilo que fora pesquisado. Rigoroso nas críticas, Sérgio exigia de seus assistentes e orientandos muito cuidado na escrita e não aceitava descuido ou desatenção. Dizia sempre que antes de ser historiador era preciso ser bom escritor. Outra máxima do Mestre era a de que não se devia adjetivar ou buscar palavras rebuscadas e sim buscar a palavra certa. Ao contrário do que muitos possam pensar isso não é fácil... Mais de uma vez o ouvi afirmar que ele não tinha facilidade em escrever e por isso trabalhava muito, o que implicava em fazer muitas revisões, e elas sempre tomaram o maior tempo de sua vida como bom escritor que era. Repetia, com frequência, que sempre deveríamos rever um texto cinco vezes.

• • •

Nestas lembranças, nem sempre, há uma seqüência cronológica. Vou e volto no tempo e muito daquilo que foi sendo dito, até aqui, se passa nos tempos de estudante de graduação, depois de pós-graduação e muito da vida como seu assistente. Vamos agora, para localizar no tempo, colocar algumas balizas cronológicas. Entre 1958 e 1961 convivi com Sérgio Buarque de Holanda como aluno do curso de História. Formado em 1961, fui lecionar no ensino secundário, depois de prestar concurso de ingresso. Em meados de 1962 e até 1964 fui professor-assistente em Rio Claro, uma das sedes dos Institutos Isolados de Ensino Superior do Estado (a Unesp de hoje) e orientando do Mestre. Em 1964 fui convidado por Sérgio para ser seu assistente no Departamento de História, na cadeira de História da Civilização Brasileira. Era um tempo em que os professores chegavam à USP pelas mãos de catedráticos e eu tive a felicidade de ser convidado por Sérgio Buarque de Holanda. Começava, nesse momento, quando o Brasil vivia o início da ditadura militar, a fazer parte da Universidade de São Paulo, que seria uma das mais atingidas pelos atos discricionários dos donos do poder de então. A partir do segundo semestre de 1964 eu entrava para os quadros da USP, onde estou até hoje...

Nos tempos da cátedra tudo se fazia a partir das decisões do catedrático. Sérgio era diferenciado, porém assumia a responsabilidade de todas as decisões tomadas em sua área de atividade como professor. Assim que cheguei ao departamento participei das primeiras reuniões com os demais membros assistentes da cadeira, alguns já doutores, outros fazendo o mestrado ou o doutorado, todas presididas pelo Mestre. Recebi a minha primeira incumbência como professor. Deveria dar um curso de História para o Departamento de Geografia, em substituição ao professor Odilon Nogueira de Matos, que passava a exercer outras atribuições. Tranqüilizou-me ao me garantir que ele era o responsável pela matéria e me passou não só os tópicos que deveriam ser abordados mas uma bibliografia que eu deveria ter bem

estudada antes de começar o semestre. Todas as dúvidas seriam discutidas e se fosse necessário iria até a classe para me ajudar. Isso, que aconteceu na minha chegada, prosseguiu em todos os anos de nossa convivência, até sua aposentadoria. Todos nós nos reuníamos com ele antes do início de cada semestre para receber sua orientação e falar sobre as últimas leituras e discutir os cursos. Havia, também, outra prática. Todas as quartas-feiras nos encontrávamos com o dr. Sérgio para ouvi-lo e com ele conversar sobre tudo o que se passava em nossos cursos e na política universitária. Também discutíamos o Brasil e sua vida política... Eram tempos de crescimento...

Ao lado da vida como professor do departamento sempre me vêm à lembrança os encontros na rua Buri, 35. Lá, sozinhos ou em grupos, íamos buscar informações para o prosseguimento de nossas pesquisas e orientação para nossos trabalhos acadêmicos a serem publicados ou para nossas dissertações de mestrado ou tese de doutoramento. A convivência com o dr. Sérgio naquela sala-de-estar, mescla de biblioteca, confessionário, escritório e salão de festas, é e está sempre presente quando começo a escrever uma pequena crônica ou um trabalho de fôlego. Ali todos nós nos sentíamos em casa e protegidos do mundo adverso. Sabíamos o cuidado e a atenção dados por ele a qualquer preocupação que tivéssemos e, em especial, às nossas pretensões de escritor.

E outra coisa que sabíamos era que ele distinguia muito bem os momentos de nosso estar juntos. Havia o tempo do trabalho e o tempo da festa. Esta podia e acontecia num final de tarde qualquer, depois de muita discussão sobre um livro recém-editado ou sobre um capítulo que supúnhamos terminado, ou numa noite especial em que nos encontrávamos com personalidades nacionais e internacionais que vinham visitá-lo. E Sérgio e dona Maria Amélia não deixavam de nos incluir nesses dias especiais. Lá a gente conheceu e conversou com Magnus Mörner, Stanley Stein, Mário Neme, Francisco de Assis Barbosa, Caio Prado Jr., Vinícius de Moraes, Oscar Pedroso Horta, e tantos outros que foram sendo introduzidos em nossas

vidas pela generosidade dos Buarque de Holanda. E quantos foram os momentos inesquecíveis que lá passamos ouvindo Chico e suas irmãs ensaiando os primeiros sucessos... Eles na sala onde eram servidos os jantares menos concorridos e nós, os assistentes do dr. Sérgio, ou somente eu, na sala-de-estar... Discutia-se a tese e ouvia-se o ensaio... Momentos sublimes e inesquecíveis.

Em uma entrevista, muitas vezes reproduzida total ou parcialmente, concedida ao historiador americano Richard Graham – brasileiro de nascimento e estudioso da nossa História – Sérgio Buarque iria falar de sua vivência no Rio de Janeiro e de sua volta a São Paulo. A memória costuma trair... Por isso me apoio em Richard que, ao perguntar a Sérgio sobre deixar o Rio, este responde: “[...] Deixar o Rio foi difícil por causa de todos os amigos e da lembrança dos amigos que morreram enquanto eu vivi lá. Durante aqueles vinte e cinco anos, tinha-me tornado íntimo de Rodrigo M. F. de Andrade, Prudente de Moraes Neto, Affonso Arinos de Melo Franco, Chico Barbosa, Manuel Bandeira, Vinícius de Moraes, Cândido Portinari, Octávio Tarquínio de Souza, Otto Maria Carpeaux, Raquel de Queiroz e muitos outros. Mas, em 1946, fui convidado para dirigir o Museu Paulista, cargo que ocupei por dez anos. Talvez minha publicação de *Monções*, no ano anterior, tenha ajudado meu retorno espiritual, como o físico, a São Paulo”. Sobre a publicação de *Monções* quero tecer alguns comentários. Sérgio fez questão de lançá-lo, também, em Porto Feliz, que era a cidade de onde partiam os barcos monçoeiros, que eram os abastecedores das zonas mineradoras do extremo oeste do Brasil. Porto Feliz, até os dias de hoje, mantém viva a epopéia analisada por Sérgio através das “Semanas das Monções”, que acontecem todos os anos no mês de outubro. Sérgio sempre foi um inovador e suas iniciativas foram todas coroadas de êxito e duradouras.

Voltemos à entrevista a Richard Graham que, na seqüência, pergunta a Sérgio se foi, então, que ele começou a lecionar na Universidade de São Paulo. Ele esclarece que

não foi exatamente nesse momento, e acrescenta: “[...] Na verdade, comecei logo a lecionar outra vez, mas na Escola de Sociologia e Política. Só em 1957 deixei o Museu Paulista e assumi a cadeira de História da Civilização Brasileira na Universidade de São Paulo. Lecionei ali pouco tempo como professor contratado porque Alfredo Ellis sofrera derrame cerebral e deixara, penosamente, seu cargo. Quando abriram o concurso para a cadeira, apresentei *Visão do Paraíso* como minha tese. Os examinadores foram Eurípedes Simões de Paula, Eduardo d’Oliveira França, Hélio Vianna, Affonso Arinos de Melo Franco e Wanderley Pinho”. Em seguida, Graham quer saber qual a maior contribuição de Sérgio para a Universidade, na visão dele próprio. Sérgio responde: “[...] Bem, primeiro fundei o Instituto de Estudos Brasileiros, no começo da década de 60. O instituto reuniu professores de vários departamentos – das Faculdades de Ciências Econômicas, de Arquitetura e de Filosofia e Letras –, e tinha como centro uma biblioteca de grande importância, formada com a biblioteca de Almeida Prado”. O IEB, como todos conhecemos o instituto, a partir do núcleo inicial, e com a estrutura avançada, organizada por Sérgio, é, sem dúvida, um dos principais centros de cultura da USP nos dias atuais. Graham insiste em saber qual era a maior satisfação do Mestre como historiador. Sérgio afirma: “[...] Minha satisfação foi ter tido sucesso em formar um grupo de historiadores de verdade. No ano passado, cinco de meus antigos assistentes reuniram-se aqui, em certa ocasião. Formei um grupo, mas cada um segue seu próprio caminho”. Isso merece um comentário. Sérgio Buarque de Holanda era, de fato, um grande professor. Sabia ensinar e preparar seus assistentes e fazer deles profissionais conscientes de suas responsabilidades. Orientava sem castrar. Mostrava os caminhos e respeitava, sobretudo, a personalidade de cada um de nós. Eu, de certa forma, segui os seus passos... Depois de ter sido seu auxiliar na direção do Departamento de História, dirigi o Instituto de Estudos Brasileiros e, atualmente, dirijo o

Museu Paulista, que, hoje, integra o patrimônio da USP. Quando Sérgio o dirigiu ele estava diretamente ligado ao Governo do Estado. Já incorporara, desde Taunay, o Museu Republicano Convenção de Itu e era proposta de Sérgio a vinculação do Museu das Monções – de Porto Feliz –, nos moldes da instituição ituana, ao Museu Paulista, o que parece poderá acontecer... Seria ver concretizada mais uma das propostas do Mestre.

Voltemos, mais uma vez, à entrevista de Graham, quando ele quer saber qual foi a maior influência de Sérgio sobre seus alunos, ao que responde: “[...] Não sei se poderia falar de influência. Mas estive sempre próximo a eles. No Chile, por exemplo, onde lecionei durante um semestre, em 1963, perguntei a meus alunos: ‘Onde há um bom restaurante onde possamos todos ir?’ Olharam para mim espantados: ‘Que é isto professor? Juntos? Isto é impossível’. Tive muito contato pessoal com meus alunos”. Posso garantir que isso é uma grande verdade. Sérgio era próximo de todos nós, desde os tempos da graduação. Depois de formados e já seus assistentes todos sabíamos o quanto éramos próximos. Ao mesmo tempo todos nós tínhamos por ele um profundo respeito e nos dirigíamos a ele chamando-o, sempre, de doutor ou professor. Acho que ele gostava mais de ser chamado doutor. Tal era o seu carisma, no entanto, que suas observações eram seguidas à risca e com prazer porque vinham sempre carregadas de respeito e carinho para com seus subordinados.

Entre os anos de 1964 e 1982 (dezoito anos) foi o tempo da maior aproximação e também o da formação do futuro professor de História. Ainda assim me considero. Ser historiador e escritor está distante. Essa distância não impede tentativas de rabiscar artigos e fazer crônicas, mas sempre está presente a observação do dr. Sérgio sobre o que é ser escritor...

Como disse, em 1964 eu chegava ao Departamento de História pelas mãos do dr. Sérgio para integrar a cadeira de História da Civilização Brasileira... Vinha me juntar a professores mais experientes e a outros que, como eu, recém-chegavam à Universida-

de... Myriam Ellis, Nícia Vilela Luz, Maria Teresa S. Petrone, Odilon Nogueira de Matos, Maria Odila L. S. Dias, Suely Robles Reis de Queirós, Laima Mesgravis eram os nomes que começavam a se firmar com a cuidadosa orientação de Sérgio Buarque de Holanda. Na biografia de cada um está também a de Sérgio...

A minha vinda para a USP soma-se à minha volta para Mogi das Cruzes... Eu passava a ser assistente de Sérgio Buarque de Holanda no Departamento de História e diretor do Instituto de Educação “Dr. Washington Luís”, lá em Mogi. Era o início de minha experiência como administrador e o princípio de minha carreira acadêmica. A minha vida de professor universitário eu começara em Rio Claro, onde Sérgio foi para uma conferência e me convidou para vir para São Paulo. Foi um momento especial de minha vida. Acabava de ser convidado para ir para a Universidade de Brasília e, ao convite de Sérgio, não pensei duas vezes... Aqui na USP e com o dr. Sérgio era tudo o que queria... Ao mesmo tempo que passava a viver a experiência de professor de História para o curso de Geografia, começava a trabalhar na pesquisa para o meu mestrado. Eram outros os tempos e o que se fazia, então, era ir para os arquivos e levantar os documentos que pudessem comprovar os pressupostos dos temas propostos. O que estudar é sempre uma questão crucial. Sérgio Buarque sugeriu e apontou o caminho para que eu estudasse a fazenda do senador Vergueiro – Ibicaba – onde houvera uma experiência pioneira na introdução de imigrantes suíço-alemães nos meados do século XIX. Sérgio já havia feito uma análise do sistema – chamado de parceria – no seu clássico prefácio à obra de Thomaz Davatz, *Memórias de um Colono no Brasil*, escrita em meados do século XIX, na Europa, e traduzida para o português, na época do 4º Centenário da Cidade de São Paulo. Quatro anos exaustivos e a monografia de mestrado estava acabada. Nesse momento, Sérgio já havia destacado de seus arquivos um núcleo documental, que seria a minha tese de doutorado. Deveria estudar, a partir da ata e formação de um novo partido político brasileiro, no início da República, o complexo mundo po-

lítico dos tempos primeiros da experiência republicana. O Partido Republicano Federal – o PRF – de Francisco Glicério merecia, no entender de meu orientador, um trabalho que o tirasse do ostracismo. Estudado, transformado em tese e livro, ainda não consegui que ele ganhasse o destaque que o dr. Sérgio gostaria que tivesse. Mestrado defendido, era hora de partir para a nova pesquisa... Praticamente dias depois da defesa do mestrado o dr. Sérgio Buarque de Holanda deixava, como já narrei, a USP. Não deixou o projeto do meu doutorado esquecido... Continuou a me dar as informações necessárias e a discutir o texto comigo, embora toda responsabilidade do meu doutorado passasse para outro professor. Nícia Vilela da Luz, por sugestão do Mestre, passava a ser minha orientadora. Na minha defesa de tese Sérgio esteve presente. Isso era o ano de 1971, época em que começava a grande transformação nos cursos de pós-graduação na USP. O ano de 1972 foi o divisor de águas. Quem pôde terminou e defendeu a tese. A partir daí os novos regimes se estabeleceram e constantemente são alterados. Até 72, as teses defendidas tinham uma platéia enorme e eram esperadas com ansiedade por estudantes e professores. Eram marcos... Talvez porque fossem poucas... Hoje, são muitas ao mês e, às vezes, ao dia... Sérgio dizia temer pela burocratização excessiva dos cursos e da realização das teses. Ele achava que o trabalho de pesquisa e a elaboração de uma tese precisam de tempo. Um tempo interior de cada um. Esse tempo não pode ser administrado por outra pessoa que não seja aquela envolvida no seu fazer... Isso é para se pensar...

Todos os seus orientandos tiveram Sérgio em suas bancas de defesa. Todos tiveram o seu apoio incontestado. A todos ele incentivou para que publicassem seus trabalhos... Também disse não aos que julgou de menor qualidade. Sempre foi rigoroso e isso só contribuiu para que todos fossem mais bem-sucedidos na vida.

Ao deixar a Universidade os encontros com o dr. Sérgio foram em menor número. Não mais havia a obrigatoriedade de nos encontrarmos às quartas-feiras e já éramos doutores e com as nossas novas incumbên-

cias de orientar. Íamos ocupando a função que, até sua saída, fora só dele. Mais incumbências, menos tempo, e também a preocupação de não incomodar. Mas muito nos víamos porque os Buarque de Holanda nos chamavam para encontros ou reuniões e porque a saudade pedia que lá na Buri, 35 fôssemos ver o professor que não deixava de nos acompanhar e orientar. Sérgio continuava ativo e coordenava a *História Geral da Civilização Brasileira*, obra de referência obrigatória para os que querem entender a história do Brasil. Também não deixou de freqüentar os arquivos para escrever seus artigos ou seus livros. Era comum ele me telefonar para saber se os elevadores das velhas instalações do Arquivo Público do Estado, na rua D. Antônia de Queirós, estavam funcionando porque, dizia, as escadas já não podia subir. E, para Sérgio, eles sempre ficaram prontos, na hora que precisava. Era um freqüentador assíduo... Sérgio gostava de conversar com os documentos... Embora ligado aos arquivos, era um homem moderno e atualizado... Vibrava com as invenções que lhe facilitavam a pesquisa. Os microfílm, o xerox portátil e outras mais que surgiram durante o seu viver. Era, basicamente, um pesquisador, mas também fora e nunca deixara de ser um crítico. É, sem dúvida, um grande escritor.

Era também um homem de bem com a vida... Não me lembro de tê-lo visto triste... Tinha suas angústias e ansiedades e sofria com as mortes de amigos... Gostava de viver e conviver e fez muito por todos aqueles que com ele conviveram. Basicamente ele formou seus assistentes e deu a eles a oportunidade de alçar seus vôos. Cada um do seu jeito tem conseguido sustentar-se nas suas tentativas de conquistar espaços, a partir das bases fortes deixadas pelo professor.

Figura ímpar, tipo muito especial de gente, alegre, simpático, atencioso e acima de tudo forte e generoso, Sérgio Buarque de Holanda é o professor que se precisa ter.

Sem muito elaborar e sem muito trabalhar, como gostaria o Mestre, estas são as lembranças de um professor que teve a felicidade de ter Sérgio como seu catedrático e orientador...